

## IMAGINÁRIO E TRANSDISCIPLINARIDADE EM SALA DE AULA: DESAFIOS PARA REENCANTAR A EDUCAÇÃO

Nilma Figueiredo de Almeida (Instituto de Psicologia/UFRJ; LISE/FE/UFRJ)  
nilmaf@ig.com.br

Por considerar igualmente relevante para o processo ensino-aprendizagem a relação professor-aluno, o incentivo ao Imaginário e à interconexão dos saberes, o objetivo deste trabalho consistiu em analisar as atividades desenvolvidas por dois professores do ensino fundamental, que foram capacitados a trabalhar usando os conceitos de Imaginário e de Transdisciplinaridade como referencial para o ensino de suas disciplinas em sala de aula, em escolas públicas do Rio de Janeiro.

Esse texto é uma tentativa de reencantar a educação, tão desencantada, desacreditada, renegada e maltratada. Um resgate da capacidade de sonhar, de imaginar, de brincar, criar e aprender.

Encantar significa “lançar encantamento ou magia sobre”; “enfeitiçar”; “transformar (um ser) em outro, por artes mágicas”; “seduzir, cativar”; “maravilhar-se”. (FERREIRA, 1999). É isso de que a Educação está necessitando, de ser transformada em algo prazeroso, interessante; a escola precisa seduzir para o aprender para que, tanto professores quanto alunos, maravilhem-se novamente.

Para que o professor abraça este desafio de educar precisa estar ciente de que, segundo Jung (1986) a educação ocorre através do exemplo, ou seja, o que fundamentalmente educa uma criança é a vida dos pais. Palavras e gestos em excesso não são eficazes, tornam-se até contraproducentes. As dificuldades parentais refletem-se na psique da criança, pelo fato dela estar envolvida na atmosfera psicológica dos pais. Os segredos e problemas parentais podem influenciar a saúde da criança. Evidentemente que os professores desempenham papel importante nesta fase, eles devem estar atentos às dificuldades encontradas com as crianças, pois estas possuem instinto espantoso para descobrir as insuficiências do educador, e se o professor negligenciar o seu próprio estado mental não será capaz de identificar que o problema pode estar com ele. Portanto, torna-se importante que pais e mestres sejam chamados a se conhecerem a si próprios, a se educarem a si próprios. Os métodos e as experiências antigas ou novas na área da educação dependerão sempre daqueles que as conduzem.

Ainda, de acordo com o autor, a educação coletiva processa-se de acordo com regras e normas, princípios e métodos, necessárias para que cada indivíduo torne-se útil à sociedade, mas seu perigo consiste na valorização excessiva de regras que sufoque o desenvolvimento normal das individualidades. Em seu extremo formam-se grupos humanos uniformes, idealmente obedientes para serem manipulados por ditadores. Jung enfatiza a necessidade de se distinguir entre as qualidades específicas de um indivíduo, o que lhe é único, das excentricidades ou incapacidade para reconhecer os direitos dos outros. Em função desse cuidado, Jung prioriza a educação individual, onde as regras, princípios e métodos estarão subordinados ao objetivo único que é permitir a manifestação da individualidade específica da criança. O educador terá que encontrar o caminho que o levará a compreender o seu aluno, levando em consideração os seus talentos e suas dificuldades. Ele deverá levar em consideração o tipo psicológico da criança, para que não se valha do preconceito

de que os extrovertidos são “normais” e que os introvertidos devam se comportar da mesma maneira. (op. cit)

Enfim, não esquecer que ao falarmos de crianças não deveremos perder de vista a criança no adulto, a nossa criança interna, que precisa de incessante cuidado, atenção e educação. Nosso furor pedagógico e psicológico podem ser uma evasiva para não enfrentar o problema da educação do educador e do adulto, em geral. (JUNG, 1986)

Diante do exposto pretende-se fazer um convite aos leitores a caminhar pela seara do imaginário e redescobrir a alegria do ensinar. Ser mestre é isto: ensinar para a felicidade, proporcionar alegria ao ato de conhecer. Não há nada mais penoso e sofrido para crianças e adolescentes que serem forçados a assimilar informações que não conseguem compreender e que parece não ter relações com suas vidas.

Inúmeros escritores relatam suas experiências com a escola como difícil, com pouquíssimas referências à alegria de estudar, compreender e aprender. Consideram que aprenderam mais fora dela que durante os anos em que lá estiveram. Hermann Hesse dizia que a escola havia matado muitas coisas nele. Nietzsche se horrorizava com o que as escolas faziam: um treinamento brutal. Transformar escolas em máquinas de produção não é a solução que garanta a felicidade e dê algum sentido à vida humana. O que lhes foi aparentemente ensinado, dentro de pouco tempo será esquecido, pois a inteligência da vida faz com que “o corpo não suporte carregar o peso de um conhecimento morto que ele não consegue integrar com a vida” (ALVES, 2003, p.24).

A escola é um lugar sério demais para haver espaço para o prazer, para o brincar. O aprender foi desvinculado da curiosidade natural e espontânea da criança, do seu jogo de faz-de-conta, da sua imaginação e da sua realidade. Tornou-se algo frio inóspito, árduo e profundamente desinteressante.

Existe um equívoco na forma como a educação concebe o lúdico, apropria-se dele como instrumento de aprendizagem, estipulando regras, estruturando e delimitando seus espaços e horários, esquecendo-se que a essência do brincar é a espontaneidade. É o não ter hora, programa ou material pré-estabelecido que faz com que a brincadeira cumpra o seu verdadeiro papel de elaboração de conflitos (cunho terapêutico), socialização (estruturação de regras, interações sociais), transmissão de cultura e o desenvolvimento da criatividade (pela imaginação). O professor precisa observar mais as brincadeiras das crianças e sua forma de construção de brinquedos e brincadeiras, assim perceberia e entenderia melhor as teorias construtivistas e interacionistas, mais facilmente que lendo Piaget ou Vygotsky. (CARVALHO, MAGALHÃES, PONTES E BICHARA, 2003).

A utilização de um modelo escolar onde um adulto ensina transmitindo de maneira vertical a uma quantidade enorme de crianças, já se mostrou ineficiente e fracassada no ensino fundamental e médio. As crianças precisam de mais suporte do contexto físico e social para agir, interagir, aprender. Segundo Carvalho e Pontes (2003, p.15-16) as “brincadeiras são como rituais que se transmitem, repetidos ou recriados, em ambientes socioculturais distintos. Via de regra, essa transmissão se dá no próprio grupo de brinquedo, sem interferência adulta, das crianças mais velhas para as menores (...) ou entre pares de idade.” Na brincadeira são constituídas redes de relações, onde os papéis são distribuídos de forma dinâmica e os conhecimentos, regras e procedimentos são frequentemente criados, reformulados e passados. A universalidade da brincadeira aponta para sua estrutura antropológica no imaginário

humano, onde os mitos, os rituais, a arte, o desenho, os contos de fadas e os contos folclóricos habitam e tomam forma na cultura. (op. cit)

Voltando a falar em encantamentos... Os mitos, as parábolas, os temas folclóricos ou os contos de fadas sempre exerceram grande fascínio sobre as pessoas, tanto para as que os lêem quanto para as que os ouvem, isto porque seus relatos têm função predominante na educação do espírito. Contar histórias é o método pedagógico mais antigo e mais eficiente depois da simples imitação do comportamento, pois permite que se atinja um nível de abstração que seria inconcebível, caso fosse usada uma linguagem técnica, permitindo assim que se dialogue com qualquer pessoa, em qualquer época, independente de seu nível de educação e de cultura. (SALLES, 1998).

Mas o que os mitos e os contos de fadas têm a ver conosco? São narrativas, assim como os sonhos, que expressam de forma simbólica, os pilares sobre os quais se constitui uma cultura e se sustenta a existência. São manifestações da linguagem eterna, atemporal e não geográfica da psique humana. Retratam uma “unidade da raça humana”, situam-se num tempo “perto do começo do mundo”, estando mais próximos da essência das coisas e dos seres, e como são atemporais, conteriam não só a história pregressa da humanidade como também suas perspectivas de evolução futura. De forma sutil, os mitos possibilitam uma educação para a vida cotidiana e as questões do espírito. Platão utilizava os mitos como recurso pedagógico para a demonstração de temas filosóficos. Jesus falava através de parábolas. Essa linguagem simbólica nos remete para além. A palavra símbolo (symbolon), formada a partir do verbo grego *symbollo*, designa algo que, por trás do sentido objetivo e visível, oculta um sentido invisível e mais profundo. Segundo Goethe apud Jacobi (1995, p.75) “o simbolismo transforma o fenômeno em idéia, a idéia em imagem, de tal modo que a idéia permanece sempre infinitamente ativa e inatingível na imagem e, mesmo expressa em todas as línguas, permaneceria indizível”. Segundo Jung (1998) o símbolo não é abstrato nem concreto, nem racional nem irracional, nem real nem irreal, mas ambos. Para Jung (1964) o símbolo surge do fundo do inconsciente humano provindo dos arquétipos ou imagens primárias situadas no inconsciente coletivo.

Para o autor, a gênese dos mitos tem uma dimensão social que deve ser levada em consideração. Eles nascem de uma camada profunda do inconsciente e cumprem função social e cultural de comunicação complexa. E, são exatamente os mitos e sistemas religiosos a expressão primeira dos fenômenos anímicos. Os mitos condensam experiências vividas repetidamente durante milênios, experiências típicas pelas quais passaram (e anda passam) os humanos. (op. cit)

Na antropologia, o etnólogo Claude Lévi-Strauss (1976) mostra o valor da função simbólica como veículo de comunicação e participação religiosa mística. O pensamento primitivo não pode ser considerado somente como pré-lógico ou fantástico, é um pensamento analógico, de estrutura complexa que influi nas contradições existentes entre pensamento simbólico e realidade social. É um pensamento mítico.

Existe um mundo de imagens profundamente ancoradas na memória do homem moderno, sepultadas em manuscritos e gravações antigas. Imagens arquetípicas e figuras platônicas que regem nossa representação do mundo e de nós mesmos, imagens que o poeta inglês William Blake apud Roob (2005, p. 8) disse que refletem

“tudo o que se passa na terra” e que “ cada época pode utilizá-las para acumular renovadas forças”.

A realidade seria, portanto, um pano de fundo cujo sentido é dado, a cada momento, pelas significações que o imaginário nele projeta. E este seria uma realidade afetiva, notadamente, no plano social e intersubjetivo.

O pensamento dirigido envolve a atividade consciente da linguagem de conceitos, nos remetendo às cadeias de significantes e significados. Este tipo de pensamento é socializado. Para a Psicologia Analítica o pensamento da fantasia envolve um aspecto simbólico, que é o pensamento imaginário por excelência, e ainda que possa ser consciente, não o é freqüentemente. A possibilidade de imaginar e as fantasias espontâneas que o imaginário humano possui são fundamentais para a criação do homem. A criatividade é a objetivação da capacidade criadora, sendo fenômeno genuinamente humano.

Para Cassirer (1985) os mitos teriam uma função não só na estrutura formadora da identidade de um grupo social, mas também na constituição do substrato formador do pensamento científico e tecnológico, o que é corroborado por Von Franz (1988) quando afirma que não existe uma idéia científica essencial que não seja fundamentada por uma forma primordial arquetípica. Jung apud Silveira (1998) salienta o paralelismo entre as especulações teológicas e os modelos lógicos da Física, indicando que, no fundo, elas se apoiam (assim como a psicologia analítica), nos mesmos fundamentos arquetípicos.

Os mitos constituem uma das formas de linguagem pela qual o inconsciente se manifesta. Campbell (1990) os compara aos sonhos, sendo que os mitos seriam sonhos coletivos, públicos, e o sonho um mito privado. O autor postula uma universalidade dos mitos não só biológica, mas também espiritual de toda a raça humana, pois os mitos como o do roubo do fogo, do dilúvio, do herói nascido de uma virgem, do herói ressuscitado, da jornada à terra dos mortos, estariam presentes em todas as culturas, apenas distinguindo no colorido das roupagens. O processo de desenvolvimento da personalidade é representado, na mitologia universal, por longas viagens e por provas que têm de ser realizadas. Há sempre a imagem dessa jornada por um caminho árduo e penoso, antes da admissão num novo estágio de consciência. Esse caminho é um símbolo tanto da totalidade da vida, quanto do processo que é denominado individuação, por Jung, que significa tornar-se o ser único e diferenciado, que cada um tem possibilidade para vir a ser.

Todos nós sonhamos e sonhar é uma das formas de atividade de nossa imaginação. Imaginar significa formar uma imagem em nossa mente. A imaginação pode ser entendida como o elo de ligação entre o consciente e o inconsciente, onde se dá a maior parte de nossa atividade cerebral. É quem mantém unidos a personalidade, o intelecto e a espiritualidade do homem. Por ser suscetível aos três, a imaginação atua segundo formas determinadas pela psique. (JANSON E JANSON, 1996)

O homem utiliza várias formas para expressar-se, que dizem respeito à mesma realidade, não dissociada: a arte, a religião, a técnica e a ciência. Segundo Jung (1964) o homem utiliza a palavra escrita ou falada para expressar o que deseja transmitir e sua linguagem é cheia de símbolos, sinais ou imagens.

As teorias nos dão enfoques diversos sobre o ser humano e sua capacidade de aprender. Utilizar a imagem como elemento de força no processo de aquisição de

conhecimento é falar de maneira mais próxima aos significantes da alma humana. A importância do presente trabalho reside no fato de se utilizar os mitos, os contos, histórias, fábulas, lendas e parábolas, o conhecimento interpessoal e intrapessoal como recursos didáticos para motivar os alunos em sala de aula. O imaginário humano é rico em imagens e facilita a aprendizagem significativa através do sentimento, da identificação com os heróis míticos, incrementando o raciocínio mágico e a criatividade. Os mitos funcionam como metáforas para as experiências dos valores humanos e facilitam sua assimilação. Para William Blake “A imaginação não é um estado. É toda a existência humana”.

A necessidade vital de resgatar a categoria do imaginário como fator de desenvolvimento e de renovação das potencialidades humanas nas artes, na literatura, na ciência e na vida em geral faz-se necessária neste momento já que intelectuais e pedagogos franceses, desde a década de setenta, crêem que a imaginação infantil vem sendo estancada devido, talvez, à tradição do pensamento racionalista cartesiano, que, se bem constituísse extraordinário progresso para a expansão do horizonte intelectual humano, veio assumindo forma silogística, o que reflete, em geral, uma linha quase mecânica, com exclusão de outras categorias, como por exemplo, a imaginação, que Held (1980, p. 13) considera “instrumento da criação, tanto como o da experiência interior, e daí a necessidade de reconhecer que o imaginário é o motor do real, que ele leva ao progresso”.

A mente infantil teria sido de tal forma condicionada àqueles processos de ensino e aprendizagem tornando difícil, mesmo para os que percebem o fenômeno, liberar-se totalmente dele. Segundo a autora (idem, p. 14) “a imaginação – como a inteligência ou a sensibilidade – cultiva-se ou se atrofia.”

Nota-se a importância dos contos modernos ou antigos, pensados, vividos, sentidos e propostos, não como um dado rígido, unívoco, imposto de fora, mas como alimento essencial. Eles são germes de fantasia, de humor, de sonho, de poesia, de invenção de palavras, de objetos e de seres. Enriquecimento da imaginação, da sensibilidade, impulso constante para manipulação flexível, complexa, crítica e criativa da linguagem. A literatura fantástica e poética é, antes de tudo, fonte de maravilhamento e de reflexão pessoal, de espírito crítico, porque toda descoberta de beleza nos torna exigentes e, pois, mais críticos diante do mundo. Quebrando clichês e estereótipos, acontece a re-criação, que desbloqueia e fertiliza o imaginário pessoal do leitor, e que é indispensável para a construção de uma criança que, amanhã, saberá inventar o homem. (op. cit.)

Falando em imaginário, trabalhar com imagens, ilustrações, estimula uma evocação narrativa que permite entrar na imagem e caminhar por ela, como em um texto. Evocam do imaginário o que lhe é pertinente, além da oferta de elementos desconhecidos, que poderão ser incorporados. As crianças consideram que as fotos são ilustrações mais realistas e os desenhos, ilustrações mais criativas. A maioria delas acha que as imagens ajudam a entender o conteúdo do texto e as classificam mais por sua função motivadora (expressa na escolha do artigo para ler) e explicativa (associada ao ato de entender); isto revela diferentes níveis de leitura, desde uma percepção estética, afetiva da imagem, passando por considerações sobre a imagem como um arranjo intencional que comunica algo, até tratá-las como recurso para aprendizagem. (ALVES & SGARBI, 2001)

As autoras Gouvêa e Martins (2001) colocam alguns pontos principais que caracterizam a importância das imagens em textos: permitem que crianças não

fluentes na leitura alfabética realizem leitura de texto; as imagens estimulam a imaginação, permitindo à criança ir além do texto, elaborando novas relações entre as entidades representadas; as imagens possibilitam ainda, diferentes leituras relacionadas aos interesses, expectativas, conhecimento prévio, enfim à história de leitura das crianças; finalmente, os aspectos relacionados à leitura das imagens, tais como seqüencialidade e simultaneidade, ou perspectiva e recorte, podem auxiliar na construção de conceitos como tempo e espaço, respectivamente. Além disso, as crianças ao interagirem com textos ilustrados, exercitam suas capacidades de comparar, descrever, enumerar e discriminar, associadas à operação cognitiva de análise que as encaminham para recriação e interpretação, associadas à capacidade de síntese.

Os artistas trabalham com a linguagem da imagem, sendo esta ligada ao mundo da emoção. O cérebro participa ativamente na percepção visual dos objetos mediante a observação do entorno, embora essa informação seja deformada pelo ponto de vista do observador, em razão das experiências vivenciadas. Parece haver uma tendência a ver o que se quer ver, ou seja, o próprio cérebro altera a informação sem a participação consciente do observador. Por isso, aprender a ver ou perceber mediante o desenho muda esse processo e permite uma visão mais direta e objetiva. Logo, aprender a desenhar para experimentar essa sensação, até o momento inédita, é apenas uma das razões para justificar o porquê deste velho e ancestral hábito de desenhar ter sido sempre, um ato de magia. (PEYCHAUX, 2005)

Para elucidar melhor a teoria, dois professores, de Matemática e de Educação Física, do Ensino Fundamental do município do Rio de Janeiro, investiram no Imaginário infantil. Valeram-se de histórias em quadrinhos, mitologia e contos folclóricos em suas classes para o ensino de temas transversais e conteúdos transdisciplinares.

Nas atividades desenvolvidas no CEST, que é o centro de estudos do aluno, onde os conhecimentos que serão alvos de estudo são definidos a partir das necessidades dos alunos e dos seus interesses, a professora de Educação Física utilizou o método socrático em suas aulas, técnicas de dinâmicas de grupo, jogos dirigidos, contos de fadas e mitologia como ferramentas auxiliares de ensino. Ela também usou o jogo de xadrez para fomentar a atenção e concentração dos alunos. Os alunos das turmas de CEST, demonstraram interesse sobre os textos lidos perguntando se os mesmos poderiam ser encontrados na sala de leitura da escola; passaram a sugerir temas para estudo e pesquisa, além de pedir para que em grupos, estudassem um tema já discutido em sala para levar o assunto para os outros colegas de outras turmas.

O trabalho na matemática constou da apresentação de histórias em quadrinhos, desenhos animados, filmes, jogos de vídeo game e na apresentação do filme “Procurando Nemo”, onde os conteúdos de matemática, biologia, sociologia foram trabalhados. Também foram feitas historinhas em quadrinhos sobre Galileu Galilei, organizando em sala uma pequena exposição, onde as crianças liam as histórias umas das outras, observando diferenças nas abordagens, o que gerou discussões que contribuíram sensivelmente para a produção de significados, bem como para a compreensão da importância de Galileu Galilei para a história da matemática. A valorização do Imaginário ajudou a que os alunos descobrissem, de forma prazerosa e natural, o conhecimento como fator importante para a auto-realização e para a vida; redescobrissem as relações interpessoais como constituintes do processo de aquisição do conhecimento; mudarem a concepção de mundo fragmentária para uma

cosmovisão holista, onde tudo está interconectado, demonstrando que as áreas de conhecimento fazem interfaces e podem auxiliar na resignificação dos conteúdos fornecidos pela escola.

Observando os resultados obtidos nestas experiências, pode-se concluir que, quando incentivadas a participar de leituras, criar histórias, desenhar, debater, as crianças desenvolvem mais facilmente vários aspectos, desde o relacional, social, até o intelectual, já que a cognição não se dá unicamente pelo aspecto racional, mas emocional também. Todo ato de criação é magia, cabe aos professores entrarem no mundo da imaginação, da distração de seus alunos, para descobrir o caminho da aprendizagem e tornarem-se seus companheiros na arte de inventar e sonhar.

Pode-se dizer que a integração do sentimento, da imaginação à nossa percepção da realidade, faz-nos desenvolver nossa personalidade de maneira mais total, pois assim como somos feitos da mesma matéria dos sonhos, precisamos sonhar um sonho bom, que nos permita crescer enquanto seres inteligentes, no sentido mais amplo do termo. Somente resignificando a educação, reencantando o processo de ensino, poderemos realizar o sonho de ver alunos aprendendo a amar o conhecimento, por se sentirem capazes de construir um aprendizado útil às suas vidas. Isto é ser inteligente.

#### REFERÊNCIAS:

- ALVES, Nilda; SGARBI, Paulo (Orgs.) Espaços e imagens na escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 132 p.
- ALVES, Rubem. A alegria de ensinar. 7. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003. 93 p.
- CAMPBELL, Joseph. O poder do mito. São Paulo: Palas Athena, 1990. 242 p.
- CARVALHO, Ana M. A.; MAGALHÃES, Celina M. C.; PONTES, Fernando A. R. & BICHARA, Ilka D. (Orgs) Brincadeira e Cultura: viajando pelo Brasil que brinca: O Brasil que brinca, vol. I, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. 206 p.
- CARVALHO, Ana M. A. & PONTES, Fernando A. R. Brincadeira é cultural. In: \_\_\_\_\_. Brincadeira e Cultura: viajando pelo Brasil que brinca: O Brasil que brinca, vol. I, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p.15-30.
- CASSIRER, Ernst. Linguagem e mito. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GOUVÊA, Guaracira; MARTINS, Isabel. Imagens e educação em ciências. In: \_\_\_\_\_. Espaços e imagens na escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 41 – 57.
- HELD, Jacqueline. O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica. São Paulo: Summus, 1980. 239 p.
- JACOBI, Jolande. Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de C.G. Jung. São Paulo: Cultrix, 1995. 170 p.
- JANSON, H. W. & JANSON, Anthony F. Iniciação à história da arte. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 475 p.

- JUNG, Carl Gustav. A vida simbólica. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, v.18/1. 472 p.
- \_\_\_\_\_. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. 316 p.
- \_\_\_\_\_. Desenvolvimento da personalidade. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986. 223 p.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. “A ciência do concreto”. In: O pensamento selvagem. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1976. p. 19- 33.
- PEYCHAUX, Lídia. Acessando o hemisfério direito do cérebro: a arte como ferramenta para o desenvolvimento da criatividade. São Paulo: All Print Ed. 2005. 260 p.
- ROOB, Alexander. El museo hermético Alquimia & Mística. Madri, España: Taschen, 2005. 711 p.
- SALLES, Carlos Alberto Corrêa. Somos feitos da matéria dos sonhos: Uma nova visão da masculinidade. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998. 204 p.
- SILVEIRA, Nise da. Jung: vida e obra. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. 195p
- VON FRANZ, Marie-Louise. Reflexos da alma: Projeção e Recolhimento Interior na Psicologia de C. G. Jung. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1998, 226 p.